

# Notícias de Guimarães

Guimarães, 29 de Agosto de 1948  
Ano 17.º N.º 865  
Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4318  
Comp. e Imp., Minerva Guimarães. Tel. 4177  
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## UMA EXPLORAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Não é sem fundamento nem acerto que se tem dito e escrito — que do topo do Monte de Santo Antonino, onde sita esta a capelinha do mesmo Santo, se desfruta um dos mais vastos e belos panoramas do concelho de Guimarães.

Ver para crer?... Pois seja, mas o facto não pode sofrer contestação. Sabem-no os habitantes da freguesia de S. Romão de Mesão-Frio, que, naquela capelinha, plena de história religiosa e quiçá de grandes lutas civis, têm o seu maior e mais justo orgulho de bairristas.

Ultimamente, devido ao esforço de vários romanenses, à frente dos quais estiveram os senhores Gaspar e Amaro Lopes Martins, residentes no Brasil, o culto do Titular da capelinha recebeu largo incremento, com o completo restauro da mesma, dentro dos vigorosos moldes da arte, feito a exclusivas expensas daqueles dois senhores.

Mas não se quedam nisto os romanenses, que, agora, pretendem demonstrar o que como um facto já se lhes apresentava — ter sido o local um *castro romano* ou *pré-romano*.

Por isso, o Abade de S. Romão, os Srs. Gabriel Pereira de Castro, António José Fernandes Guimarães, Francisco Gonçalves, Manuel Fernandes de Abreu, António Lopes, Aurélio Fernandes de Matos e seminarista João de Oliveira, sob a sábia direcção do Sr. P.º Arlindo Ribeiro da Cunha, professor dos Seminários de Braga e publicista de renome, escalarão a montanha no dia 19 do corrente mês, e deram-se ao árduo labor de, por suas próprias mãos e com o auxílio de picaretas, pás, alviões e enxadas, pôr a descoberto o que o pó, amontado por muitos séculos, havia occultado.

Foi pena que a estes trabalhos (e ao mais, nada despidendo também!) faltassem, por força dos seus afazeres profissionais, os Srs. Rodrigo Meneses da Silva Basto, Egídio Pereira da Silva e João Martins. Não maldizemos a sua falta, justificada, aliás. A's 9 horas, o grupo começou o trabalho de exploração, que só largou às 13,30, para o almoço, que decorreu tão animado como o trabalho o havia sido.

Das escavações resultou o invento de fragmentos de tégulas, de alicerces de construção e, provavelmente, da cisterna de abastecimento de água à população, que, outra, hábito o local. A muralha de defesa lá está, integralmente conservada, do lado nascente, do local da capelinha. O Bastião havia-o, natural.

Apareça agora quem faça o restante da obra de exploração, incoactivamente realizada

Rev. Dr. Francisco de Melo

A tratar da sua saúde, tem estado em Lisboa, entregue aos cuidados do eminente cientista Dr. Gentil, o nosso querido amigo Rev. Dr. Francisco de Melo, talentoso Abade de S. Pedro da Raimonda, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

já, como é mister e como formulamos votos ardentes e sinceros de bairristas, que nos prezamos de ser.

Sobre a exploração feita, proficientemente, como sempre, breve se pronunciará, nas colunas do «Diário do Minho», o Sr. P.º Arlindo Ribeiro da Cunha. Aguardemos o seu sapiente parecer e o de outros, que queiram, *in loco*, examinar o que está à vista.

O «Notícias de Guimarães», de comprovado amor regionalista, não desgostará, certamente, de apresentar aos seus leitores esta notícia, em primeira mão.

Merece-a bem, e, por isso, gostosamente, lha envia o seu afeiçoado

J. O. da Penha.

## O novo Director das Oficinas de S. José

Deve assumir, na próxima terça-feira, as funções de Director das nossas Oficinas de S. José, lugar para que muito acertadamente foi escolhido, uma vez conhecida e reconhecidas, as nobilíssimas qualidades de que é possuidor, o Rev.



António Alberto Ribeiro, que durante algum tempo pastoreou a freguesia de Silveiras, onde soube conquistar muitas simpatias e onde se abalançou a uma obra de grande envergadura — a nova igreja ainda em construção mas que em parte se encontra já inaugurada.

A notícia da escolha do Sr. Padre António Ribeiro para o lugar de Director das Oficinas de S. José foi recebida nesta cidade com a mais viva satisfação, o que é prova eloquente do quanto são apreciadas as suas virtudes, muito havendo por isso a esperar da obra deste nosso querido confrãneo.

E' motivo para felicitar-mos a Direcção das Oficinas de S. José e para nos felicitar-mos também, não apenas como amigos e admiradores do novo Director daquela instituição, mas, ainda, como vimezanenses que ansiosamente desejamos, sempre, o engrandecimento de todas as obras, mormente daquelas que, como as Oficinas de S. José, desempenham tão alta missão social.

Ao Senhor Padre António Alberto Ribeiro queremos apresentar, com as nossas homenagens, os cumprimentos da nossa muita estima, os votos bem sin-

## Águas passadas...

Ai, que se os Vimezanenses quisessem, se soubessem querer!

Volto-me para traz, mão em pala sobre os olhos. Vejo, nítidos, os trilhos percorridos. Os passos que dei, lá os vejo marcados no caminho.

Nestas alturas, que já são pináculos da Velhice, tudo avulta. Basta um pouco de concentração. E tudo quanto foi emocional, perpassa no ecran da memória.

Sim, recordo-me de haver tido na vida uma paixão séria: sempre me aqueceu, em fogo interior, o gosto pelas coisas da Instrução. Uma das facetas do vasto problema da instrução pública, era a construção de edificios escolares.

Demais, para despertador deste desejo, dava-se a circunstância de o Estado, por volta de 1928, ajudar toda a iniciativa colaboracionista dos particulares. Havia, nos cofres públicos, dinheiro. Não se tornava mister «comparticipar». Viessem as iniciativas.

Dizia-me, a propósito, o Dr. João Antunes Guimarães, então Ministro das Obras Públicas — que todo o seu desejo estava em ver a iniciativa particular ir ao seu encontro. E contava-me o caso de um funcionário do seu Ministério lhe bater insistentemente à porta do gabinete, a solicitar-lhe subsídios para obras na sua terra natal. Esta insistência do bairrista, com praça assente na legião do funcionalismo, em Lisboa, levou o Ministro a desferir-lhe a seguinte ironia: — Que importância terá a sua terra, para merecer lhe tanta solicitude a si, e ao Ministro tantas ajudas?!

Por essa altura, quando seria natural ver os políticos vimezanenses bater à porta do Gabinete deste Ministro, filho da nossa terra, a solicitar-lhe a construção de um edificio escolar em cada freguesia do concelho, a verdade é que, com excepção de um ou outro caso — talvez com excepção de Santa Maria do Souto — o problema não foi posto perante os olhos de S. Ex.ª.

Se o tivessem feito aqueles a quem estava confiado o governo municipal da nossa terra, certamente que outro seria hoje o panorama, quanto a edificios escolares.

Pois que — importa repetir esta circunstância! — àquela época, não dependiam as construções escolares ou outras obras solicitadas ao Governo, de verbas participativas. A lei designada «comparticipações do Estado» ainda não existia... Toda a despesa, quanto a certos melhoramentos, corria, e podia correr, por conta do Estado. Qualquer argumento, portanto, além da falta de recursos camarários, que se quisesse apresentar como justificação da inércia dos nossos governantes municipais, cairia por terra, perante esta razão de ordem que, à época, estava em pleno exercicio na administração pública: — O Estado, pelo Ministério das Obras Públicas, dava subsídios, renovados, sucessivos, acompanhando com eles toda a obra

ceros pelas suas prosperidades e pelo feliz desempenho de tão árdua missão.

de interesse público, nomeadamente para construções escolares!

Isto mesmo se comprova, pelo que — à pureza — lhes vou contar.

Havíamos, com outros confrãneos de vontade firme, fundado a «Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães».

Foi em 1928. Depois de realizada a grande festa cívica — a comemoração do 8.º Centenário da Batalha de S. Mamede — fizemos derivar a acção desta Sociedade para o problema das construções escolares.

A primeira iniciativa deste género, foi a construção desse edificio escolar que se vê levantado, em Belos Ares, na freguesia de Mesão Frio.

O ilustre Ministro Dr. João Antunes Guimarães, filho da nossa terra, foi quem nos ajudou neste empreendimento. Nenhuma colaboração monetária lhe dera a S. D. P. G., pois que a não tinha. A nossa instituição apenas tomou a iniciativa.

Fizemos parte da comissão administrativa que levou a final a construção. O Estado pagou aos empreiteiros construtores. Passante de oitenta contos que ali se gastaram.

A meio da obra, alguém, céptico, doente de vontade, receoso de que tal empreendimento chegasse ao fim, me dizia:

— E conseguirá Você levar a cabo a... alhada em que se meteu?

A resposta aí está! O edificio fez-se. E não só este se fez, como outros se iniciaram. Sim, outras construções escolares se iniciaram, apenas com este grande poder de realização — a boa vontade!

Estejam atentos, aguardem, e eu prometo de aqui lhes contar coisas interessantes.

Porto. A. L. de Carvalho.

## PROMETE ser grandiosa a Tourada de domingo

E' já no próximo domingo que na nossa Praça de Toiros se realiza a sensacional Corrida em que tomam parte Artistas consagrados, alguns dos quais pela primeira vez trabalham em Guimarães.

Nos últimos dias os bilhetes têm tido a maior procura, tudo levando a crer, portanto, que a nossa Praça registará uma nova e colossal enchente.

A Corrida iniciará-se às 17 horas e será abrilhançada por uma Banda de Música, nela tomando parte também, conforme já notíamos, o destemido Grupo de Forcados de Lisboa, que se exhibe nesta cidade pela primeira vez.

De dia para dia aumenta a ansiedade por aquele espectáculo, sabendo-se que fora de Guimarães é grande o interesse por a nova Corrida.

Atenção à 4.ª página

## GLÓRIAS DO PASSADO E DO PRESENTE

A propósito da solene Sagração Episcopal do Rv.º Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, o nosso colega A Guarda, em seu último número publicou, com este título, o artigo que com a devida vénia vamos transcrever nas nossas colunas.

A Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães foi, domingo último, teatro de uma grandiosa manifestação que traduz os altos sentimentos cristãos e patrióticos, que fizeram, no decurso dos séculos, a sua grandeza.

As pedras da histórica igreja são uma epopeia que canta, pelos séculos fora, em hinos imortais, a intervenção de Nossa Senhora nos destinos de Portugal, pois cristalizam um voto de D. João I, feito em hora apertada e difícil para a vida nacional. Dentro dos seus muros, pelas suas abobadas ressoa ainda, do fundo dos tempos, a voz das grandiosas manifestações litúrgicas,

desenroladas na recepção daquele monarca e de D. Afonso IV, que se dignaram visitá-la. Guimarães rememora-se das glórias do berço da própria nação e das glórias de combates feridos com galhardia e bravura em defesa e elevação da Pátria.

Todas essas grandezas, todas essas glórias se iluminaram, domingo último com as cerimónias litúrgicas da sagração episcopal do Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, filho ilustre de Guimarães, representante autêntico das suas tradições, figura hercúlea de suas virtudes; todas essas vozes se juntaram às vozes da multidão enorme que se apinhou na histórica igreja, vestida de nobres galas, tornada Lar das mais altas figuras, centro de reunião das autoridades e do povo.

As pompas litúrgicas das cerimónias que criaram o novo Bispo tomaram assim, pelo ambiente histórico em que decorreram, pela assistência copiosa que a elas assistiu, um alto sentido de aclamação e de esperança: — a aclamação do homem, que se erguia à glória de Cavaleiro da Fé, Príncipe da Grei diocesana da Guarda; esperança segura de um principado episcopal fecundo, para as almas que o Senhor confiou ao zelo da sua alma apostólica — como se as grandezas invisíveis de um passado que não morre comunicassem à fragilidade passageira da imortalidade a força e o mistério da sua imortalidade e com ela a certeza de um futuro cheio de beleza e de glória.

Não é indiferente para os actos que marcam na vida dos homens, das instituições e dos povos, o quadro social, religioso e histórico em que se realizam. Não foi pensamento de pura vaidade imperial, que inclinou Napoleão a escolher a catedral de Nossa Senhora de Paris, para servir de cenário cénico às cerimónias magnificentes com que Pio VII sagrou a sua frente com a unção da realeza.

De todos os séculos, os grandes escolheram os lugares cheios de história, para os actos solenes da sua vida. O Sr. D. Domingos, mais feliz que tantos outros, não careceu de escolher lugar para a sua sagração episcopal. Nem lugar social nem lugar religioso. Nasceu nele, como se Deus quisesse marcar, desde o berço com a crisma do seu episcopado, a igreja e a cidade em que devia recebê-lo.

Se todos somos em grande parte, obra do ambiente que respiramos, temos de concluir que o carácter do Prelado, agora sagrado na Colegiada de Guimarães, refugiu das melhores jóias, releva das mais ricas prendas que formam a nossa personalidade nacional.

Toda a enorme multidão que enche a desbordar o vasto templo sentia, sem o pensar, a grandeza do quadro arquitectónico e histórico em que a sagração corria, e por ele media a missão que era conferida ao novo Lutador da Fé.

Mas a glória não é um clarão que fulgura e se apaga; é um sol que alumia e fecunda a terra, uma luz viva que projecta no futuro todas as riquezas que nela resplendem. Mais que clarão de exemplo, é grão de trigo em que lateja uma seara imensa, brasa viva em que arde as labaredas de um grande incêndio, madrugada risonha em que cintilam todas as galas de um grande dia.

Naquela manhã doirada do dia de Nossa Senhora da Assunção, a Insígnia Colegiada de Guimarães não evocava só as glórias que se adensam dentro dos seus muros e da cidade que a enquadra com escripto que encerra preciosidades raras; cantava as glórias de um novo dia, que espera ceara rica de bênçãos de Deus, brasa viva de vivas labaredas de um grande incêndio de apostolado. E assim a Colegiada de Guimarães que forjou um novo Bispo na calda e molde das suas próprias grandezas, ganhou um novo título de glória — a glória que Deus quer vir a ser a vida apostólica do novo Bispo.

Dia novo para Guimarães; dia novo para a Guarda. Dia grande para o Senhor D. Domingos, que na missão episcopal vai prosseguir e engrandecer o seu passado de apóstolo, dado sem restrições, numa doação total, à glória de Deus, e assim unir no lume da mesma glória as duas cidades, que pela graça do Céu se tornaram irmãs.

D. Domingos da S. Gonçalves

Presidindo à Peregrinação Portuguesa ao Santuário de Santiago de Compostela, partiu para aquela cidade galega o nosso ilustre Conterrâneo e venerando Bispo da Guarda Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves.

desenroladas na recepção daquele monarca e de D. Afonso IV, que se dignaram visitá-la. Guimarães rememora-se das glórias do berço da própria nação e das glórias de combates feridos com galhardia e bravura em defesa e elevação da Pátria.

Todas essas grandezas, todas essas glórias se iluminaram, domingo último com as cerimónias litúrgicas da sagração episcopal do Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, filho ilustre de Guimarães, representante autêntico das suas tradições, figura hercúlea de suas virtudes; todas essas vozes se juntaram às vozes da multidão enorme que se apinhou na histórica igreja, vestida de nobres galas, tornada Lar das mais altas figuras, centro de reunião das autoridades e do povo.

As pompas litúrgicas das cerimónias que criaram o novo Bispo tomaram assim, pelo ambiente histórico em que decorreram, pela assistência copiosa que a elas assistiu, um alto sentido de aclamação e de esperança: — a aclamação do homem, que se erguia à glória de Cavaleiro da Fé, Príncipe da Grei diocesana da Guarda; esperança segura de um principado episcopal fecundo, para as almas que o Senhor confiou ao zelo da sua alma apostólica — como se as grandezas invisíveis de um passado que não morre comunicassem à fragilidade passageira da imortalidade a força e o mistério da sua imortalidade e com ela a certeza de um futuro cheio de beleza e de glória.

Não é indiferente para os actos que marcam na vida dos homens, das instituições e dos povos, o quadro social, religioso e histórico em que se realizam. Não foi pensamento de pura vaidade imperial, que inclinou Napoleão a escolher a catedral de Nossa Senhora de Paris, para servir de cenário cénico às cerimónias magnificentes com que Pio VII sagrou a sua frente com a unção da realeza.

De todos os séculos, os grandes escolheram os lugares cheios de história, para os actos solenes da sua vida. O Sr. D. Domingos, mais feliz que tantos outros, não careceu de escolher lugar para a sua sagração episcopal. Nem lugar social nem lugar religioso. Nasceu nele, como se Deus quisesse marcar, desde o berço com a crisma do seu episcopado, a igreja e a cidade em que devia recebê-lo.

Se todos somos em grande parte, obra do ambiente que respiramos, temos de concluir que o carácter do Prelado, agora sagrado na Colegiada de Guimarães, refugiu das melhores jóias, releva das mais ricas prendas que formam a nossa personalidade nacional.

Toda a enorme multidão que enche a desbordar o vasto templo sentia, sem o pensar, a grandeza do quadro arquitectónico e histórico em que a sagração corria, e por ele media a missão que era conferida ao novo Lutador da Fé.

Mas a glória não é um clarão que fulgura e se apaga; é um sol que alumia e fecunda a terra, uma luz viva que projecta no futuro todas as riquezas que nela resplendem. Mais que clarão de exemplo, é grão de trigo em que lateja uma seara imensa, brasa viva em que arde as labaredas de um grande incêndio, madrugada risonha em que cintilam todas as galas de um grande dia.

Naquela manhã doirada do dia de Nossa Senhora da Assunção, a Insígnia Colegiada de Guimarães não evocava só as glórias que se adensam dentro dos seus muros e da cidade que a enquadra com escripto que encerra preciosidades raras; cantava as glórias de um novo dia, que espera ceara rica de bênçãos de Deus, brasa viva de vivas labaredas de um grande incêndio de apostolado. E assim a Colegiada de Guimarães que forjou um novo Bispo na calda e molde das suas próprias grandezas, ganhou um novo título de glória — a glória que Deus quer vir a ser a vida apostólica do novo Bispo.

Dia novo para Guimarães; dia novo para a Guarda. Dia grande para o Senhor D. Domingos, que na missão episcopal vai prosseguir e engrandecer o seu passado de apóstolo, dado sem restrições, numa doação total, à glória de Deus, e assim unir no lume da mesma glória as duas cidades, que pela graça do Céu se tornaram irmãs.

D. Domingos da S. Gonçalves

Presidindo à Peregrinação Portuguesa ao Santuário de Santiago de Compostela, partiu para aquela cidade galega o nosso ilustre Conterrâneo e venerando Bispo da Guarda Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves.

## DR. AMÉRICO DURÃO

De passagem por Guimarães, teve a gentileza de vir à nossa Redacção apresentar cumprimentos ao «Notícias», o que sobremaneira nos sensibilizou, o nosso querido Amigo e Ilustre Poeta, Sr. Dr. Américo Durão, que ontem regressou à capital.

Recordações de Angola

# O êxodo boer

Do Coronel A. de Quadros Flores.

Foi na época do cacunbo de 1928. Contavam-se verdadeiros horrores desse êxodo em massa dos boers da Humpata e proximidades.

Numa larga faixa da zona da fronteira do Sul de Angola, os velhos e pesados carros que, em intermináveis marchas haviam percorrido, ao passo vagaroso das espanas, ao estrear alegre dos chicotes, aos gritos guturais dos *candilhos*, aquelas regiões desoladas, para ali estavam parados servindo de moldura a um quadro de miséria e desgraça.

Os bois tinham morrido pelo caminho, os pretos haviam desertado e ficaram apenas, naquela dolorosa expectativa duma nova aventura, as pobres famílias boers, recordando, certamente com saudade, os tempos melhores passados à sombra hospitaleira e benévola da nossa bandeira.

Como estavam ali essas famílias que aliás viviam tranquilas na sua mediania ou quase pobreza, sem sobresaltos e inquietações, embora por vezes olhadas com desconfiança?

Eram esses os boers que acamaram com os portugueses em todas as guerras do sertão, ocorrendo ao chamado das autoridades com as suas montadas e as suas armas certeiras, os mesmos que tinham agora destruído um lar e iam na vaga miragem de reedificarem nas terras da União Sul Africana.

A viagem fôra acumulando horrores. Há meio século, os pais ou os avós tinham feito a marcha em sentido contrário e não para menos trágica. Sabiam-no mesmo os mais novos por ouvirem contar nas noites de chuva, em suas casas, ou nos acampamentos, quando em viagem, depois de rezada a oração em família.

Nesta nova peregrinação, a tragédia atingira maiores proporções. A doença fazia mais vítimas, principalmente entre as crianças. Naquela região desolada, onde dia a dia o número dos boers aumentava, não havia médico, não havia a mínima assistência. Morria-se quase ao abandono, apenas com a bênção do carinho da família.

A marcha fôra dura. Eram as próprias mulheres que caminhavam à frente dos bois e chegados os carros a esse ponto de concentração eram ainda elas que tinham de procurar a água e a lenha para pôr a panela ao lume afim de cozer o magro *troço* de carne salgada.

E ali esperavam os camions ingleses que deviam vir buscá-los. Os camions eram poucos e os caminhos maus. A vez de iniciar a segunda parte da viagem demorava. Entretanto a doença implacável ia ceifando mais vidas e naquela desolação multiplicavam-se agora as cruzes dos covais piedosamente abertos por mãos de parentes e amigos.

Perguntava-se: — Qual a razão dos boers abandonarem Angola?

Eles próprios não sabiam, duvidavam do êxito da sua aventura.

Mas, uma força oculta, misteriosa, despedaçava implacável os laços que os prendiam à terra portuguesa.

Vendiam os campos que tinham desbravado com a porfida tenacidade da sua raça, os campos para os quais tinham trazido a água abençoada que circulava nas valas e com que regavam os trigais e os pomares. Vendiam essas árvores de fruto que haviam plantado e cuidado e que alegravam os corações na época da floração promettedora.

Quantas recordações, quanta saudade prendiam-nos contido àquela nesga de terreno que o governo português lhes concedera generosamente quando vieram para Angola fugitivos das terras mais ao Sul onde a vida se lhes tornara impossível.

Abandonavam tudo e punham-se a caminho em busca de novos destinos.

Era ponto de passagem obrigatória a Vila de Chibia — recentemente elevada a essa categoria — que deixara bastante da sua importância depois de concluída a ocupação do Sul de Angola. Já não era a povoação movimentada, o último posto onde a vida era pacífica e próspera, «civilizada», onde o velho António José de Almeida pontificava como um patriarca bíblico, onde havia guarnição militar e médico.

A povoação deixara de ter importância sob o ponto de vista militar e político mas ali e à volta, os colonos mourejavam como sempre e por lá viviam algumas figuras curiosas, como o velho Tenente-Coronel Zeferino de Moraes, sempre moço de espírito, e o Mirrado — que viera para Mossâmedes incorporado numa companhia disciplinar — e que tinha num pequeno vale o pomar das melhores laranjas e tangerinas de Angola e que contava histórias sem fim que é pena terem-se perdido.

Se os automóveis passavam de largo, os carros boers faziam sempre ali uma paragem, esses veículos agora raros e desprezados.

Os boers vinham apresentar os seus passaportes para seguirem. Interrogava-os com interesse. O que os levava a tomar essa decisão?

Moviam a cabeça com fatalismo. Quase todos a isso se limitavam. Um e outro falava mas para dizer somente que partiam «como os outros», que não queriam abandonar os da sua raça.

De nada serviria insistir. Entretanto, eu recordava-lhes a sua curta

história, que escutavam cabisbaixos, como vencidos.

Agora que a paz envolvia os casais, que haviam terminado os tempos difíceis da instalação, as incertezas quanto aos ataques e roubos dos indígenas, eles não deviam abandonar os campos que tinham arroteado, as casas que construíram, mas sim arreigar-se mais à terra hospitaleira onde podiam comer tranquilamente a sua cêdea.

Vítimas de um fatalismo atávico conservavam-se mudos, numa atitude de resignação passiva, como nada mais esperassem da vida.

Falava-lhes dos horrores da viagem que trouxera os pais e muitos deles, dos perigos e tormentos que haviam passado e aludia ao que os esperava ainda. Já era tarde... O passo estava dado.

A colônia boer, recebida com intermináveis festas nas hortas do vale do Bero, às portas de Mossâmedes, desparecia. O pacto das partilhas de terrenos firmado em 18 de Setembro de 1880 deixava de ter significado. Mas, havia os casamentos entre boers e portugueses que não era possível dissolver e era esse o problema que mais afligia algumas das famílias.

Não era sem uma certa emoção que eu punha o «visto» nos passaportes. Lá vinham os nomes, as idades e as fotografias de todas as pessoas da família. Havia velhos, contemporâneos da imigração, e havia crianças, netas dos primeiros.

Por que partiam? Quantos chegariam ao seu novo destino?

E à medida que recebia ruius novas do acampamento distante, era como um aperto de coração que eu via afastarem-se pela estrada poeirenta os vagarosos carros onde mais criaturas humanas iam expor-se às contingências dessa viagem dolorosa.

Assim se desfez, há vinte anos precisos, a colônia boer cujo principal núcleo se estabelecera em S. Januário da Humpata e onde da sua estadia de pouco menos de meio século ficaram vestígios que não de perdurar, por mais fraca que seja a memória dos homens e por mais forte que seja o poderio destruidor do tempo.

José Manuel da Costa.

## FESTA ANUAL a Santo Antonino

No próximo dia 5 — primeiro domingo de Setembro — realiza-se, por iniciativa do nosso querido conterrâneo e amigo Sr. Gaspar Lopes Martins e de sua respeitável família, na forma dos demais anos, a festa em honra de Santo Antonino, cuja devota imagem se venera em rústica capelinha no alto do monte do mesmo nome, nos subúrbios de Guimarães.

Haverá solenidade religiosa com Missa Cantada e sermão, e um animado arraial, durante a tarde, com bazar de prendas, fogo e música, e um *pic-nic* oferecido a diversas pessoas das relações da família Lopes Martins.

Promete revestir o costume do esplendor esta tradicional festividade.

### LUÍS ALVES DE SOUSA

#### AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Sua esposa e mais família julgam ter agradecido a todas as pessoas que assistiram ao funeral ou de qualquer forma se associaram à sua dor; todavia, pedem desculpa de qualquer falta que, involuntariamente, possam ter cometido e agradecem a presença à Missa que por alma do querido extinto mandam celebrar, no dia 3 de Setembro próximo, às 8 horas e meia, na Igreja de S. Sebastião. 953

Guimarães, 29 de Agosto de 1948.

## NEGLIGÊNCIA

Cidadãos de Vimaranes Fizeram-m'ir aos arames Por causa do meu livrinho. Nada queria que dessem, Mas ao menos me dissessem: Recebi, obrigadinho.

A falta não foi geral E por isso este mal E' bastante atenuado. Sei não ser irreverência, Ser somente negligência, Não ficando amuado!

E. A. R. G.

# DA PENHA

Vejo-te, ó Guimarães, extasiado Do alto miradouro deste monte! Que bem me sinto a olhar-te! Aqui, ao lado, Murmura entre rochedos uma fonte.

Olho-te, ó minha Terra, enfeitado! (Não sei doutra beleza que te conte...) Espraio a minha vista lado a lado E vejo inteiro um céu no horizonte!

Não sei porquê, ó terra, nesta idade, (Deixei-te quando moço, há muitos anos!) E' que tenho por ti maior saudade

E vejo com amor o que não via! Depois de tantos, tantos desenganos, Tu sabes lá a minha nostalgia!

PENHA, Julho de 1948.

DELFINO DE GUIMARÃES.

## A festa do 16.º aniversário da fundação da Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra

Tendo ocorrido este ano o 16.º aniversário da fundação da Fábrica de Tecidos da Cruz da Pedra, Lda. — um estabelecimento que tem prosperado a olhos vistos, devido ao dinamismo dos seus activos gerentes —



Antero H. da Silva

o seu numeroso pessoal quis assinalar o facto homenageando aqueles gerentes, os nossos bons amigos Srs. Antero Henriques da Silva e António Urgezes dos Santos Simões.

Assim, ferindo embora um pouco a modéstia daqueles estimados industriais que a inteiro contento dos demais sócios da Fábrica da Cruz de Pedra se encontram à frente dos seus destinos, na passada segunda-feira à tarde todo o pessoal, em número de algumas centenas, lhe manifestou a sua simpatia e alto apreço, no decorrer de uma festa singela mas bem significativa.

Estiveram presentes algumas pessoas de família dos homenageados a quem o pessoal cobriu de flores.

O hábil guarda-livros da fábrica Sr. Manuel Baptista Pinto em breves palavras, tornando-se intérprete de todo o pessoal, aludiu aos excelentes dotes dos homenageados, transmitin-



António Simões

Por entre salvas de palmas e vivas foram descerrados nessa altura os retratos dos homenageados, procedendo a essa cerimónia as interessadas senhoras Maria Antónia e Marília Esmeralda — dois palmitos de gente — filha e neta, respectivamente dos Srs. António Simões e Antero da Silva.

E logo a seguir o Sr. António Simões em seu nome e do seu colega agradeceu aquela manifestação que calou fundo em seus corações.

Saudou nas pessoas do Mestre A. Fernandes e do Guarda-Livros Manuel Baptista Pinto, todo o dedicado pessoal para o qual teve palavras da melhor amizade.

O Sr. António Simões referiu-se ainda aos demais sócios da Fábrica — uns também ali presentes, outros representados — tendo para todos eles uma bem merecida referência, como que a exteriorizar a sua muita admiração.

## OLAR DO COMÉRCIO AGRADECIMENTO

A Mesa da Irmandade de N. Senhora da Oliveira vem por este meio e muito reconhecida agradecer aos Vimaranenses que tão generosamente a auxiliaram com os seus donativos e serviços prestados, concorrendo assim para o brilhantismo que atingiram todas as solenidades levadas a efeito em honra da Virgem da Oliveira e Excelsa Padroeira da cidade, nos dias 14 e 15 do corrente.

Neste agradecimento não pode esquecer as colectividades religiosas, entidades oficiais e todos aqueles que iluminaram os seus prédios, bem como os moradores do Largo da Oliveira que iluminaram e engalanaram as suas varandas, dando ao Largo um belo efeito.

Torna extensivo os seus agradecimentos ao Ex.º Comandante da Polícia de Segurança Pública pelos ótimos serviços prestados pelos guardas do seu comando, bem como à Imprensa desta cidade e correspondentes dos jornais diários.

A todos manifesta o seu eterno reconhecimento.

Guimarães e Secretaria da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, 20 de Agosto de 1948.

Pela Mesa — O Juiz,

a) Joaquim de Sousa Pinto.

## A VOZ DAS FREGUESIAS

# S. Torcato, Gominhães e Gonça depõem no nosso Inquérito

Prossegue a nossa ronda. Desta feita destacamos um dos componentes do «trio» que hoje se abeira da «teia» do nosso «Tribunal», por ser uma freguesia importante, laboriosa e muito densa, e principalmente eminentíssima pela religiosidade e popularidade do seu Orago, o glorioso S. Torcato.

Toda a gente sabe quanto é conhecida do país inteiro a romaria de S. Torcato, que anualmente atrai a este rincão formoso do Minho milhares e milhares de forasteiros, numa onda de fé e de alegria que é preciso manter, mantendo a tradição da religiosidade e da folgância.

Pensar ou forçar o contrário é afastar o povo, reduzindo as romagens e limitando o público apreciador do seu turismo e do valor arquitectónico do MOSTEIRO.

### S. Torcato

É esta uma das mais importantes freguesias do concelho, grande pela sua população e enorme pelo fervor religioso que acóem da existência ali do milagroso Santo que dá o nome à freguesia.

S. Torcato, que há centenas de anos se mantém latente na veneração do povo, aparece-nos sob duas versões, ambas glorificadoras, mas mais plausíveis e generalizadas a segunda das que citamos.

E' muito extensa a narração. Por isso resumimos os elementos, dando uma síntese da sua história.

Algumas notas e documentos apresentam S. Torcato como sendo um dos mais celebrados e queridos discípulos de S. Tiago, que o baptizou em Guimarães e o fez primeiro Bispo de Citânia ou Gitania (como muitos querem que fosse denominada a cidade antiga que fica perto do Ave a duas léguas para o norte de Guimarães), vindo a morrer em Aci (Granada), cidade que depois se chamou Guadís, em 15 de Maio do ano 44 (?), sendo o seu corpo levado mais tarde pelos cristãos quando fugiam aos Mouros, que assim faziam com as suas relíquias, enterrando-as como melhor lhes parecessem escondidas.

Todavia, a crença geral é a da tradição da Igreja Bracarense, de que este glorioso Santo não é o discípulo de S. Tiago, mas S. Felix Torquato, Arcebispo de Braga no oitavo século, eleito em 693 e martirizado em 719 na invasão dos Mouros, por Muça ou Musa, Emir africano.

O corpo do Santo Mártir, abandonado e escondido entre pedras e matos foi, poucos anos depois, descoberto milagrosamente e achado incorrupto, como agora se vê, por um Monge em um sítio, porque, diz a tradição, se viu a cair do Céu como que umas estrelas, pelo que, admiradas as gentes, acharam aquele santo corpo em uma cova, donde safa um admirável cheiro, indício daquele precioso tesouro.

Desenterrado com a veneração devida, deixou em seu lugar uma cautelosa fonte, remédio de muitos enfermos que ainda hoje buscam a sua água miraculosa.

Naquele santo lugar se levantou uma capela, a que ainda se chama S. Torcato o velho, onde o santo ficou até ser trasladado para o Mosteiro do seu nome, o qual foi duplex de Frades e Freiras da Ordem de S. Bento, sendo fundado por D. Rodrigo Forjaz, contemporâneo do rei D. Fernando o Magno, o qual fez doação deste Mosteiro ao da Condessa D. Mumadona, em 1049.

Este Mosteiro de S. Torcato, anexo ao da Condessa Mumadona, que já então era da apresentação Real com o título de Colegiada com Prior, Dignidades e Cônegos, que nele viviam recolhidos, assim se manteve até ao tempo do rei D. Afonso Henriques, que dele o desmembrou, dando-o aos Frades de Santo Agostinho, em 6 das Kalendas de Maio, era MCXI, ou seja a 20 de Abril de 1173.

Estava este Mosteiro em lugar eminente. Igreja grande com claustro e no meio dele um chafariz e em volta do claustro uma alpendrada sobre colunas de pedra, não restando hoje mais que simples ruínas.

Neste mosteiro ficou depositado o corpo de S. Torcato, vestido de Pontifical, em um monumento de pedra tosca, mas de grande majestade, assente sobre quatro colunas e cercado de grades de ferro, dentro de uma capela à entrada da porta principal.

Durante muitos anos se manteve a afluência deromeiros, dedicando-lhe o povo extrema veneração. Em 1637 o Arcebispo D. Sebastião de Matos Noronha foi visitar o corpo do Santo, querendo abrir o sepulcro. Repicaram os sinos, acudiu todo o povo da freguesia e das circunvizinhas e até de Guimarães e todos se aprestaram a defender o seu Santo do intento do Arcebispo, que era o de o colocar no Sé de Braga, como depois se soube.

Em 1805, por mandado do Arcebispo D. Frei Caetano Brandão, abriu-se e foi reconhecido o corpo do Santo e em 30 de Junho, na presença do mesmo prelado, fez-se a elevação de tão preciosa Relíquia.

Finalmente, em 4 de Julho de 1852, com a assistência do Eminentíssimo Cardeal Arcebispo D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Melo, fez-se com extraordinária pompa a trasladação solene do Corpo Santo para o novo majestoso templo que se está construindo, e de que estava concluída a Capela Mor.

### Realizações

Num franco progredir, agora lento, mas bem accentuado há pouco tempo

ainda, S. Torcato apresenta-se-nos com bastantes predicações de valorização, não sendo o menor o que resulta do da veneração ao Santo Orago da freguesia.

Assim, no campo das coisas práticas regista-se a existência de escolas em edifício próprio, templo magnífico, telefone (embora privativo do Mosteiro) cemitério amplo e bem tratado e luz eléctrica.

A propósito desta última realização, aprez-nos registar que a freguesia de S. Torcato se encontra electrificada, desde Julho de 1934, devido à iniciativa de um parouquiano que é, também, um grande benemérito não só da freguesia, mas também da cidade sede: o Comendador Sr. Alberto Pimenta Machado, que foi durante alguns anos prestigioso Juiz da Irmandade de S. Torcato, prestando os mais relevantes serviços àquela Corporação e ao local.

Esta freguesia deve-lhe muito. Tem sido um valioso auxiliar da actual Mesa da Irmandade e um elemento de raro merecimento para o progresso da povoação.

Por sua vontade e somente a expensas suas, foi a freguesia electrificada em 1934, concessão dispendiosa e incompensadora. Este melhoramento bastaria, mesmo que outros muitos benefícios se não tivessem registado, para impor o seu nome à estima e consideração gerais.

Bem merece, pois, de toda a freguesia, a estima e especial apreço que, pelo seu alto exemplo, de há muito soube conquistar em todas as pessoas.

### Necessidades

Como não podia deixar de ser, em contraste com as facilidades e predicações já existentes, há coisas que não se apresentam de harmonia com o progresso local.

E assim aparece a necessidade de arranjo de caminhos, nomeadamente os de Pinhão à Cancela de Paulos, por Barroco e Fonte Cidra, da Igreja parouquial ao Arnado, que se encontra intransitável e que no inverno é um caos e da mesma Igreja ao Cemitério.

Qualquer destes caminhos carece de reparação imediata, para melhor comodidade do numeroso público que os utiliza. O segundo dos citados é curto e de fácil arranjo, e o que vai para o Cemitério necessita de alargamento no traçado já existente, fazendo ainda imensa falta pela movimentação obrigatória que se verifica.

E já que falamos no cemitério vem a talho de foice citar a grande inconveniência que o ângulo do mesmo origina na estrada para Gonça, dificultando e perigando a viação motorizada, pelo que se impõe um estudo no sentido de cortar a volta da estrada eliminando, esse senão.

O abastecimento de água à freguesia está em parte assegurado, mercê das fontes dependentes do Santuário. Todavia, para que este problema fique totalmente resolvido, é necessário instalar um fontenário no lugar da Cachada, um dos mais populosos da freguesia e que somente tem água na posse de particulares que por favor permitem que o povo se sirva.

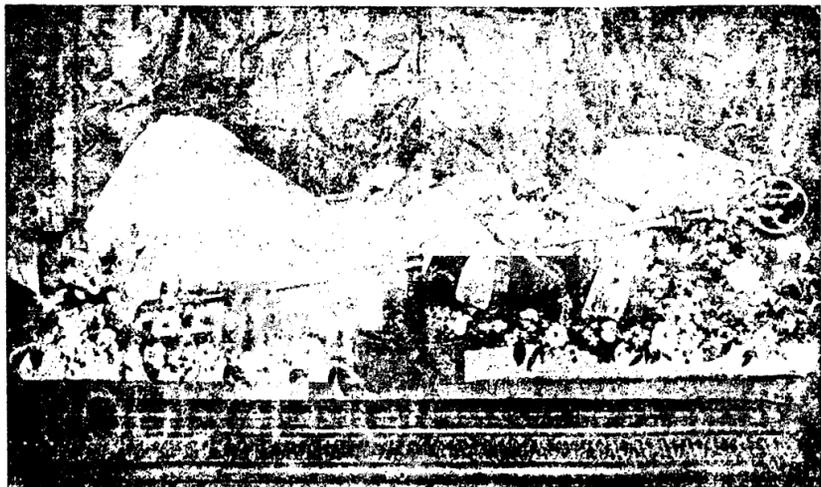
Pelo mesmo motivo — aglomerado populacional, — se impõe a construção de lavadouros, especialmente na fonte de Fontela.

### Projeções

Está em construção o prédio para a Casa do Povo, obra que pelo seu início se antevê excelente.

Muito se reflectirá na população local esta realização, não só pelo seu auxílio social que disfrutará da sua organização própria, como poderá resultar das suas possibilidades a criação de outras fontes de protecção social, cultural e recreativa, como sejam a fundação de uma Casa dos Pobres, instituição cujos préstimos e facilidades de acção é desnecessário acentuar, a efectivação de sessões instrutivas e criação de secções de ensino, especializadas ou genéricas e sem esquecer uma escola nocturna, e a função permanente de salas de leitura e de recreação, que prendam a frequência dos operários, desviando-os de outros lados que os prejudiquem e aos seus familiares.

Eis, em traços gerais, o que observamos e pensamos sobre S. Torcato que com 600 fogos e cerca de 3.000 habitantes se nos apresenta como uma das mais populosas do concelho cujo progresso tende a desenvolver-se até à concretização final, para o que, por certo, trabalhará afinadamente a sua Junta, composta pelos Srs. Francisco Ribeiro Faria, António José de Oliveira e João da Costa Guimarães,



respectivamente Presidente, Secretário e Tesoureiro, a qual conta com a coadjuvação dedicada do arrolado pároco da freguesia, Rev. Henrique Gonçalves Pereira.

**Gominhões**

S. Pero Fins de Gominhões, antiga Abadia da Mitra, é uma freguesia essencialmente agrícola, composta por 460 pessoas dispersas por 90 fogos. A autoridade administrativa está a cargo dos Srs. Joaquim de Macedo, João da Silva e Joaquim de Araújo, respectivamente Presidente, Secretário e Tesoureiro da Junta de Freguesia. Religiosamente está a paróquia afectada à de S. Torcato, pelo que a direcção espiritual do povo está a cargo do Sr. P. Henrique Gonçalves Pereira.

**Necessidades locais**

Escola, caminhos e água, são os problemas mais importantes e de maior urgência, aparecendo as carências de telefone e de luz eléctrica em plano sempre transcendente, embora sem perder o carácter de necessidade.

O ensino escolar é aqui ministrado em um posto de ensino que, sendo embora muito precioso, não é bastante para as necessidades do meio. Impõe-se a construção de edificio próprio, com salão para frequência mixta, tanto mais que o posto vem funcionando em sala sem requisitos para a sua missão.

Se a Câmara accresce a solucionar esse problema, como é mister, teria como certa a ajuda da freguesia em auxílio monetário e material, o que, evidentemente, atenuaria o custo da obra, tão precisa como útil.

Agora passemos ao segundo problema. A freguesia não está ligada à rede do concelho, por estrada propriamente dita. Mas possui um caminho em bom estado, acessível a veículos, que vai do Pombal ao Bom Despacho, que suprirá a existência daquela, desde que continue sob a vigilância de um cantoneiro cuidadoso como o actual, e mesmo para que se não deteriore como os demais.

Os restantes caminhos estão maus, principalmente o do Bom Despacho à Igreja parochial e o que daqui segue até à estrada de S. Lourenço a Souto. Consertados estes dois caminhos e adaptados às respectivas exigências, fica o problema das comunicações vicinias plenamente resolvido, pois todos dependem destes.

Tais arranjos são muito precisos, não só pela movimentação habitual como pela necessidade de trânsito em casos de incêndio ou de desastres pessoais que careçam dos serviços dos bombeiros ou médicos. E porque se trata de distâncias pequenas, mais acresce a conveniência da sua realização.

A freguesia tem água potável, mas na posse de particulares. A única fonte pública que existe, no lugar da Canada, o mais populoso de Gominhões, é imprópria, por ter a água exposta a todas as impurezas.

É preciso resguardá-la e canalizá-la para fontanário apropriado, com lavadouro anexo, para serventia limpa e prática do povo. Esta fonte seria bastante para remediar as necessidades locais, porque a população é, na maioria, composta por agricultores que têm água privativa.

Os outros dois elementos de precisão menos evidente, a iluminação eléctrica e o telefone, continuarão à mercê do tempo, até que a sua instalação se generalize e beneficie este local.

**Gonça**

Situada ao norte de S. Torcato, na estrada que vai de Guimarães a Arosa, a freguesia de S. Miguel de Gonça confina com Garfe (Póvoa de Lanho), Freitas (Fafe), S. Torcato e Santa Maria do Souto.

Antiga Abadia da Mitra, tem hoje 903 habitantes e 162 agregados familiares, sendo seu pároco o Rev. Abílio Pereira, reitor da freguesia de Freitas (Fafe).

Administrativamente são os Srs. Manuel Ferreira Rodrigues, J. Baptista da Silva e Luis Fernandes da Silva, Presidente, Secretário e Tesoureiro da Junta de Paróquia, os responsáveis pelo progresso da freguesia.

Não conseguimos avaliar o nível de acção desta e de outras entidades locais para que a freguesia fosse desacompanhada das necessidades que a oprimem. Mas o que se verifica é um estado precário quase caótico em certos casos, pelo que fica a análise das

culpas existentes, ao sabor de quem melhor tenha conhecimento das actividades ou diligências ou desinteresses de quem tem responsabilidades nas petições ou nas realizações.

As faltas mais flagrantes são resultantes da inexistência de escola em edificio próprio e de iluminação eléctrica. Mas a par disso verifica-se também a necessidade de telefone público e da reparação de caminhos, nomeadamente o de Figueiras pelo lugar do mesmo nome a Reguengo e o de Vilarinho ao lugar do Cruzeiro.

Espera-se que estes dois caminhos sejam brevemente arrançados, havendo outros de somenos importância que ficam a aguardar a sua vez de serem consertados.

Abatidas as faltas atrás citadas, segundo o texto do questionário em nosso poder, todos os demais assun-

tos estão resolvidos ou a caminho de o serem.

Assim sucede com fontes, que se diz haverem várias, estando para se construir, brevemente, um fontanário no largo de S. Mateus, não sabemos se com lavadouro.

Igualmente está em reparação a Igreja Parochial, prevendo-se igual medida para o cemitério, que no entanto, está bem bom.

Eis o que nos foi possível compilar e apresentar como definindo a situação actual da freguesia de Gonça. É natural que mais fosse preciso enumerar, assim como se impunha maior dispêndio de argumentação em volta de alguns dos elementos em falta, mas a carência de informes e exiguidade de explanação de ideais não permitem mais, pelo menos de momento.

KinG.

**Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.**

O mais digno, grandioso e mais alto espectáculo do cinema português:

**CAMÕES**  
COM: ANTONIO VILAR, EUNICE MUNOZ, JULIETA CASTELO, JOÃO VILARETT, ANTONIO SILVA, CARMEN DOLORES, LEONOR MAIA e VASCO SANTANA.

Quarta-feira, 1, às 21,30 horas:

Uma seita tenebrosa, provoca medo, um medo que nos faz rir!

**VIDA DE PRÍNCIPE**  
COM: BOB HOPE, SIGNE HASSO, WILLIAM BENDIX, etc.

Sexta-feira, 3, às 21,30 horas:

**FILME A DESIGNAR BREVEMENTE**

AVISO: Participamos aos senhores habitués de cinema que a partir do dia 1 de Setembro só serão considerados permanentes todos aqueles que possuírem um cartão mensal, ficando sem efeito todas as marcações existentes.

A Empresa.

**O 1.º Centenário de Viana do Castelo**

Comemorou Viana, jubilosa, gárrula, alacramente o Centenário de elevação à categoria de cidade com o fecho magnífico, apoteótico da Romaria d'Agonia.

Fomos até lá, de abalada, matar saudades, como soi dizer-se, pois Viana de lenda e de magia foi berço e minha companheira nos tempos de menino e moço, até despontar-me o buço e envergar, vaidosamente, uma capa e batina...

O destino afastou-me por longos anos da terra das minhas traquinices, das minhas travessuras e dos princípios da minha vida escolar.

Anos se passaram de ausência e de saudade!

Que me perdoe, me releve a meia dúzia de leitores deste arrazoado o excessivo baurrismo, o acendrado amor, o arraigado afecto por Viana.

É, assim, permiti que dê uma ligeira referência à sua História.

Segundo vários autores, Viana foi fundada com o nome de *Calpe* no ano 1.156 antes de Cristo. Nada de positivo, de concreto, de historicamente comprovado atesta tal afirmativa que só a lenda e a tradição fazem perdurar.

Décio Junio Bruto deu-lhe o nome de *Brutônia*, mas os celtas chamaram-lhe *Viana*, talvez em memória da sua Vienne.

Outros atestam que Viana é modificação, corrutela de *Bidauna*.

Seja como for, o que é certo é que o 1.º foral de Viana da Foz do Lima foi dado, em Guimarães, por D. Afonso III,

a 18 de Junho de 1258 (L.º 1.º das *doações* do mesmo monarca, fls. 32) e passou a ter foros de cidade por decreto de 20 de Janeiro de 1848.

\*

Viana é incontestavelmente a cidade de sonho e de magia. De Santa Luzia, do Zimbório que coroa, que remata graciosamente a Basílica, das suas torres altaneiras, das janelas do Hotel Monumental ou de qualquer ponto da Montanha o panorama que se divisa é único, sem igual.

Em baixo, mesmo em baixo, quase a nossos pés, uma cidade em miniatura, em pleno movimento, qual cascata a que nada falta.

O Letes — o rio do Esquecimento, o «doce, claro e brando Lima» desliza mansamente, beijando a cidade e dando o seu último ósculo de amor ao mar sem fim...

A' esquerda — as freguesias da Ribeira Lima — Meadela, Santa Marta de Portuzelo, Darque, Vila Franca, Subportela... de tonalidades mil, de mil cambiantes as mais variadas.

A' direita, as intermináveis veigas de Areosa, Afife, sempre linda, Carreço, plena de donaire e graça...

Como pano de fundo, como cenário grandiloquo, a imensidade do oceano e, ali e além, no rio ou no mar, velas triangulares — rubras, cor de tejo-lo, brancas das embarcações de pesca, dos bravos marinheiros da nossa típica Ribeira. Para o sul a vasta praia do

Cabelado, de fina areia que a espuma alvacenta das águas afaga em amplexos de amor... Depois, depois... Castelo de Neiva, Anta, toda a corda marítima.

Impossível descrever a Romaria d'Agonia. Se excepção pudéssemos fazer a alguns dos seus números, seria o Cortejo Folclórico e Etnográfico e a Serenata que teriam a primazia.

O cortejo foi como o desdobrar duma fita cinematográfica do mais perfeito technicolor. Os trajos das vianesas, das moçoilas garridas e brejeiras, batidos pelo Sol eram como caprichoso caleidoscópio de fulgurações as mais berrantes.

A serenata, no cenário desse *brando Lima* que Bernardes cantou, que Feijó divinizou em versos da mais lídima vibratidade e que foi musa inspiradora do estro fecundo de Pereira da Cunha — foi um espectáculo fantasmagórico, deslumbrante!

Assim Viana — a Princesa do Lima, minha terra natal, festejou condignamente o seu 1.º Centenário!

Nine, 23-8-48.

Prof. Joaquim Martins Lima.

**da cidade**

**Boletim Elegante**

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 26 o nosso prezado amigo sr. Heliodoro de Freitas Guimarães, digno Chefe da Estação do Caminho de Ferro; no dia 31 a sr.ª D. Maria Aurélia da Costa Fernandes Santos, esposa do nosso prezado amigo sr. Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos e o nosso prezado amigo sr. António Urgez dos Santos Simões; no dia 1 de Setembro o nosso bom amigo sr. Eduardo de Oliveira Machado; no dia 4 os nossos prezados amigos sr. Dr. Carlos Saraiva e José Gilberto Pereira; no dia 5 os também nossos prezados amigos sr. Manuel de Oliveira Cosme e Alberto José Fernandes.

"Notícias de Guimarães", apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhinhos regressou a Lisboa o nosso prezado amigo sr. Pedro Pereira de Freitas.

Partiu para Lisboa com pequena demora o nosso prezado amigo sr. P. Adelino Pinheiro Borda.

Partiram para Santiago de Compostela, com demora de alguns dias os nossos prezados amigos sr. Comendador P.º Augusto Borges de Sá, Joaquim de Sousa Pinto e António de Freitas.

Tem estado em Caminha a família do nosso prezado amigo sr. David Cepa.

A uso de águas encontra-se na Curia a Sr.ª D. Elvira Zeferina da Silva Correia.

Tem estado a veranear nas Pedras Salgadas o nosso prezado amigo sr. Fernando António de Almeida.

Regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo Sr. Alberio Teixeira Carneiro.

Com suas famílias têm estado na mesma praia os nossos amigos Srs. Augusto Mendes, desta cidade e Rng.º Adelino Soares Leite, de S. Nicolau de Basto.

Com sua família encontra-se no uso de águas na Curia o nosso prezado amigo Sr. Armino de Freitas Lima.

Partiu ontem, com sua esposa, para a mesma Estância o nosso bom amigo Sr. Francisco Laranjeiro dos Reis.

Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Joaquim Pereira da Cunha.

Com sua esposa tem estado nesta cidade o nosso bom amigo sr. Alberto César.

De uma viagem comercial às colónias regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. António Romano.

Partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. P.º José Carlos Simões de Almeida, ilustre Director do Internato Municipal.

Acompanhada de suas gentis filhas Mademoiselles Adalina e Vera de Sousa Guise, regressou das Pedras Salgadas a Ex.ª Sr.ª D. Adalina de Sousa Guise.

Com sua família encontra-se a veranear nas suas propriedades de S. Cretano (Campelos) o nosso prezado amigo Sr. Dr. Fernando de Matos Chaves.

Com sua esposa tem estado nas Termas de S. Vicente (Douro) o nosso querido amigo e distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso bom amigo sr. José Luis Pires. Muitos parabéns.

Doentes

Tem passado doente a menina Alda de Oliveira Pinto Rodrigues, filha do nosso prezado amigo sr. Dr. José Pinto Rodrigues, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

**FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS**

D. Rita da Costa Sequeira

Em Vizela, faleceu a Senhora D. Rita da Costa Sequeira, esposa do Sr. Francisco Sequeira, mãe das Senhoras D. Lidia, Arminda e Elisabeth Sequeira, e sogra dos Srs. António Neves, Major Jorge Cunha e Alberto Pinto Sousa e Castro.

O funeral realiza-se hoje, às 18 horas, da sua residência para o cemitério da Atougua, onde será inhumado em jazigo de família.

Os nossos pésamos à família enlutada.

Missa por alma da Sr.ª D. Maria Fernanda de Castro Ferreira Mota

A Mesa da Irmandade de Santo António manda celebrar no dia 2 às 8 horas na capela de S. Domingos uma missa em sufrágio da alma da saudosa Senhora D. Maria Fernanda de Castro Ferreira Mota, irmã do Mesário Sr. Benjamim de Castro Alves Ferreira, convidando a assistirem ao piedoso acto as pessoas das relações da extinta e da família dorida.

De luto

Pelo falecimento de um tio de sua esposa, ocorrido em Bairro (Famalicão) guarda luto o nosso prezado amigo e distinto colaborador Sr. João Xavier de Carvavo.

O nosso cartão de condolências.

Por um lamentável lapso tipográfico não noticamos no nosso passado número que esta bondosa senhora era cunhada do nosso prezado amigo Sr. António Cândido de Carvalho Miranda a quem também queremos apresentar as nossas condolências.

Missa de Sufrágio

No próxima quinta-feira, os Estudantes Velhos mandam celebrar na igreja da Oliveira, às 11 horas, a missa comemorativa do 30.º dia do falecimento da saudosa senhora D. Ana de Magalhães, sendo celebrante um antigo aluno do Liceu de Guimarães.

**Vida Católica**

Nossa Senhora da Guia — Na capelinha da sua invocação festeja-se no dia 8 de Setembro na forma dos demais anos a Imagem de Nossa Senhora da Guia, começando as novenas preparatórias no próximo dia 30 às 21 horas.

**Diversas Notícias**

**Atropelamento**  
Há dias um automóvel particular atropelou no Largo do Toural Maria Ribeiro da Costa, casada, de 71 anos, entervada da Ordem de S. Francisco, ficando com a perna esquerda bastante magoada.

Verificou-se não ter havido culpa pela parte do motorista.

**Queda desastrosa**

Quando a septuagenária Ana de Freitas, casada, da freguesia de Santo Estevão de Urgez, atravessava o regato que, partindo da Rua Trindade Coelho tem o seu término na Rua da Liberdade, caiu, sofrendo fractura exposta da perna esquerda. Foi conduzida imediatamente ao hospital da Misericórdia onde lhe foram prestados socorros pelos médicos de serviço Srs. Drs. Alberto Faria, Carlos Saraiva e João Freitas, ficando ali internada.

**Viação acidentada**

No lugar da Gandra da freguesia de Silveiras, na ocasião em que Cândida Pereira, de 14 anos, filha de Domingos Pereira e de Maria de Oliveira, da freguesia de Santo Estevão de Briteiros guiava um carro de bois que transportava racho e por ir a dormir caiu, sendo colhida pelos bois e pelo rodado do carro, sofrendo fractura exposta da perna direita, fractura da côxa direita e do braço direito e outros ferimentos pelo corpo. Foi imediatamente conduzida ao hospital da Misericórdia, ficando hospitalizada.

**Abastecimento de águas**

Encontram-se semi-paradas as obras do abastecimento de águas à cidade, por motivo de ainda não ter sido superiormente autorizada a Câmara a contrair na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, o empréstimo necessário ao prosseguimento e conclusão destas obras.

No dia 30 inicia-se oficialmente a obra de pesquisas para abastecimento de águas à Vila de Vizela. As pesquisas vão efectuar-se na Ilha dos Amores no Rio Vizela.

**D. Domingos da Silva Gonçalves**

Registraram-se mais as seguintes adesões:

Transporte . . . . . 26.745\$00

Dr. Alfredo Bravo e esposa . . . . . 100\$00

Joaquim Martins Torres . . . . . 50\$00

Dr. Joaquim de Almeida Correia . . . . . 100\$00

D. Carolina Teixeira Pereira . . . . . 100\$00

D. Maria da Glória Rocha dos Santos . . . . . 50\$00

Gualdido Pereira . . . . . 100\$00

Francisco de Oliveira . . . . . 50\$00

Marias do Sacrário, de Serzedo . . . . . 50\$00

P.º Henrique Gonçalves Pereira . . . . . 100\$00

P.º Guilhermino Martins G. Arêira . . . . . 50\$00

Armando Umberto Gonçalves . . . . . 100\$00

Dr. Gonçalo Bourbon (Lindoso) . . . . . 100\$00

Um amigo . . . . . 40\$00

Sociedade Mercantil do Minho, Lt.ª . . . . . 2.000\$00

Manuel Fernandes Braga . . . . . 100\$00

Alfredo da Cunha Guimarães . . . . . 100\$00

P.º Barbosa de Magalhães . . . . . 20\$00

João A. Sampaio . . . . . 50\$00

A transportar . . . . . 30.005\$00

**Frente das Juventudes de Espanha**

Na próxima semana são esperados nesta cidade os Dirigentes e Filiados de Frente de Juventudes de Espanha, de Badajoz, que acamparão junto ao Castelo, a fim de prestarem homenagem a D. Afonso Henriques. Seguidamente partirão para Santiago de Compostela acompanhados por alguns elementos da M. P. de Portalegre.

Na próxima semana são esperados nesta cidade os Dirigentes e Filiados de Frente de Juventudes de Espanha, de Badajoz, que acamparão junto ao Castelo, a fim de prestarem homenagem a D. Afonso Henriques. Seguidamente partirão para Santiago de Compostela acompanhados por alguns elementos da M. P. de Portalegre.

**Menor atropelada**

No hospital da Misericórdia desta cidade deu entrada com uma perna fracturada e um grave ferimento no rosto a menor de 8 anos Maria da Conceição Ferreira, filha de José Francisco Ferreira e de Maria José de Oliveira residentes no lugar da Agrela, da freguesia de S. Salvador de Briteiros, que, quando saia da Igreja daquela freguesia, foi atropelada por um automóvel guiado por Emilio Ferreira Botelho, residente na Rua Infante D. Henrique da cidade do Porto.

A sinistrada foi conduzida ao hospital no próprio carro que a colheu.

**Farmácias de Serviço**

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao L. do Toural.

**Câmara Municipal**

Em sua Sessão de quarta-feira a Câmara Municipal deliberou entre o mais:

Que a Comissão de Higiene escolha o terreno para a construção do Cemitério da Freguesia de Gondomar; marcar d'oravante as sessões ordinárias da Câmara para as quintas-feiras de cada semana às 15 horas.

Foram deferidos alguns requerimentos e autorizados diversos pagamentos.

**Escutismo nacional**

A Junta Central do Corpo Nacional de Escutas na memorável festa do encerramento do seu VIII Acampamento Nacional, realizado na Estância do Bom Jesus do Monte, em Braga, condecorou com a Medalha Jubilar (Ouro) os Dirigentes do C. N. E. em Guimarães Srs. Dr. José Francisco dos Santos e João Xavier de Carvalho, que completaram já 24 anos de serviço nas fileiras do Escutismo.

**VENDE-SE**

Casa de 2 andares, com 2 frentes, quintal, ramadas e árvores de vinho, situada no lugar da Lameira-Taipas. Informa C. R. Capela. 933

**Empregado para Escritório**

Oferece-se, com o curso comercial, estado empregado. Tem conhecimentos de contabilidade comercial e escrevendo à máquina. 951

**PERDEU-SE**

No dia 26 ds corrente um relógio de pulso marca "Said", desde S. João de Ponte até esta cidade. Pede-se à pessoa que o encontrou o favor de o entregar nesta Redacção ou ao Sr. Joaquim Martins, guarda-noturno da Fábrica do Ferro, Fafe.

**O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.**

# Três pancadas...

## Rapidez de... caracol

Fala-se muito, agora, da extrema velocidade das coisas e dos elementos. E desde que apareceram aviões a percorrerem distâncias mais rapidamente que o som, desde a possibilidade de se almoçar numa capital da Europa e ir jantar a outra do mesmo continente ou de outro, mais se arrega no espírito das gentes que estamos na era das velocidades quase inacreditáveis.

Entre nós também sucede, de quando em quando, um acontecimento de marcada saliência, demonstrando que também podemos apresentar ao Mundo expoentes de velocidade.

E' o caso de uma carta ser carimbada no Correio das Caldas das Taipas em 31 de Julho e só sofrer a mesma operação em 6 de Agosto seguinte, na Estação de Guimarães.

Conclusão: foi preciso um espaço de tempo de 6 dias para que uma carta percorresse outros tantos quilómetros!

E' ou não é velocidade... rara!

## Sempre o espantinho

No ante-penúltimo domingo houve grande azáfama cidadina, por motivo da passagem dos ciclistas da Volta a Portugal.

Juntou-se bastante público no Toural e pôde apreciar-se, então, a cansinosa preparação da meta para que se estabelecesse o vencedor dos prémios para o corredor do Porto ou do Benfica, emulação engraçada que serviu para animar momentaneamente a afficcion.

Pois no auge da movimentação, quando alguns carros já deslizavam por entre as filas do povo disposto a aplaudir os corredores e que pedia que esses carros se afastassem depressa, apareceu, lado a lado com uma vistosa espada, o deprimente carro do correio, esse espantinho exercido que parece ser uma praga a apouquentar-nos por toda a vida.

E por mais que se gritasse, por mais que se reclamasse a sua retirada, essa carroça que parece tanto do agrado de alguém, lá seguiu pachorentamente, impávida e serena, passeando pelo centro da cidade e mostrando aos olhos de todos, vimaranenses ou visitantes, como é incoerente o progresso da cidade, ou antes como: querem que seja incoerente o progresso de Guimarães!

## Bradar no deserto?

Tem-se protestado muitas vezes para que alguns locais citadinos não sirvam de baldio ou estabelecimento da venda da sardinha.

Mas apesar disso, as sardineiras continuam promovendo o seu negócio nos mesmos sítios, perante a impassividade de quem de direito.

E como se fora pouco a odorosa delícia de tais negociatas em plena via pública, aparecem agora uns postos de venda de peixe, aqui e ali, que embora não sejam na rua, não devem, todavia, reunir as condições higiénicas requeridas.

E o progresso do odor, vai aumentando...

L.

## DECLARAÇÃO

João Fernandes, «Maneta», cauteleiro, declara que não se responsabiliza por qualquer dívida contraída por seu filho José Fernandes, o qual deixou de estar ao seu serviço como vendedor de lotarias.

955.

## AUTOMÓVEL, VENDE-SE.

Ver Garagem Auto-Mecânica Vimaranesense.

# MATAR SAUDADES

## VI

Já falei no velho sacristão da Oliveira, o Sr. Joaquim, e ainda tornarei a falar dele; mas hoje é a vez dos coreiros: não os esqueci, nem posso esquecer. Não sei o que será feito de todos eles; um sei que ainda vive, e nunca deixa de me falar, quando me encontra em Guimarães, o que ultimamente tem sucedido várias vezes.

Entre esses coreiros figurava o João, que mais tarde se emancipou da batina e até chegou a ter uma loja de fazendas ali por perto da famosa loja do Parrameco. Esse João destacava-se entre todos os outros—eram 3—pela sua vivacidade e pela sua loquacidade. Por isso mesmo despertava naturalmente a simpatia.

Ora de várias vezes aconteceu eu ir dar passeios com ele e

# COLÉGIO DE S. GERALDO

(Sexo Masculino)

## B R A G A

As matrículas têm lugar de 1 a 15 de Setembro, para efeito de organização das turmas e distribuição de serviço aos professores, de modo a estar tudo preparado na data da abertura das aulas, conforme as novas determinações legais, pelo que devem os interessados pôr-se em contacto, dentro do prazo indicado, com a Direcção do Colégio, que prestará os esclarecimentos necessários.

A admissão de alunos depois dessa data ficará dependente de vaga.

Aos alunos do ano passado, será enviado um boletim do Colégio, para renovação de inscrição.

## A GRANDE Peregrinação à Penha

Estamos a quinze dias da Grande Peregrinação à Penha que promete, revestir grande imponência, para o que prosseguem com toda a actividade e entusiasmo os respectivos trabalhos.

O Rev.º Arcipreste de Guimarães, dirigiu a todos os párcos do Arciprestado a seguinte circular:

Rev.º Senhor:

Realiza-se no próximo dia 12 de Setembro a Peregrinação Anual a Nossa Senhora da Penha.

De ano a ano aumenta o fervor e o entusiasmo nesta romagem de Fé aos Pés da Virgem.

As preocupações do momento são demasiado suficientes para que redobremos de esforço e piedade, pedindo à Virgem Senhora Nossa Seu maternal carinho e desvelada protecção.

Acresce ainda o facto de presidir à Peregrinação Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que desde o início foi sempre a alma das Peregrinações à Penha, e que numa ascensão verdadeiramente gloriosa se elevou a um apogeu difícil de transpor.

Por isso, a Peregrinação de 12 de Setembro há-de ser de Fé, entusiasmo e súplica, conforme as intenções de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, e ao mesmo tempo de exaltação e louvor ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Domingos, que nesse dia faz a despedida solene do povo de Guimarães e da Arquidiocese.

Por tudo isto e pelo amor filial que essa Paróquia consagra à Virgem Santíssima, não deixará certamente V. Rev.º de envidar todos os esforços, no sentido de que uma digna representação dessa Paróquia venha associar-se a essa manifestação de Fé e louvor a Maria Santíssima.

A concentração será, como de costume, no Campo da Feira, devendo partir dali o imponente cortejo às 9 horas pontuais.

Haverá combóios extraordinários, ascendentes e descendentes.

Por tudo creia-me sempre muito grato e ao dispor.

AD MAIOREM DEI GLORIAM!

Guimarães, 24 de Agosto de 1948.

O Arcipreste,

P.º António d'Araújo Costa

## CASA - Aluga-se

A 10 minutos da Estação de Covas, com cozinha e quatro divisões. Boa situação e estrada à porta. Telefonar para o n.º 4293. 950

com outros; mas de um ficou-me tão triste memória, que não posso deixar de a anotar nestes ligeiros desabaços.

Um dia foi com o João e com dois filhos do procurador Francisco Faria, há pouco tempo falecido, para os lados de Mascotelos. Eu então estava na pujança da vida e todo o meu gosto era andar a pé por montes e vales: e até parece capricho, gostava mais dos atalhos e dos caminhos da aleia, do que das estradas poeirentas.

O passeio saiu de feição e teria corrido à mil maravilhas, se um terrível precalço não tivesse assombrado aquela tarde alegre e cheia de sol. Ao abeirar-nos da casa de um lavrador, um modesto rafeiro, sem pedir licença ao dono, quis fechar os dentes, nas pernas de um dos filhos do sr. Francisco Faria. O facto poderia parecer banal, se não houvesse sempre a preocupação e o receio de que o cão que morde, está danado. Foi este receio que logo agou a alegria da festiva caminhada.

## ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS LENHAS

CASTRO & SEQUEIRA, L.ª

RUA DA PONTE DE SANTA LUZIA • GUIMARÃES

## FERRA & IRMÃOS, L.ª

JOALHEIROS FABRICANTES

Execução perfeita em jóias que fabricam

RUA DE CAMÕES, 28 GUIMARÃES TELEF. 4180 P. F. END. TELEG. FERMÃOS

## SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L.ª

PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTRIAS TEXTEIS E CURTUMES

Armazém: Largo Cónego José Maria Gomes, 39

Escritório: Rua de Camões, 28 GUIMARÃES

## FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MBRCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

Eu bem procurava convencer os meus joviais companheiros de jornada de que não havia perigo de hidrofobia, mas as minhas palavras perdiam-se no vácuo. E o futuro veio provar que eu perdera todo o meu latim...

Chegados que fomos a Guimarães, cada um seguiu para sua casa. Eu meti-me logo à cama sem ceia, porque estava com ela, para me servir da expressão do meu patrão sr. Padre João Ribeiro. E não aqueci muito a cama; estava nela há poucos minutos, quando a criada me entra no quarto muito apouquentada e esbaforida, a anunciar-me que alguém me procurava, da parte do Sr. Francisco Faria, a pedir contas estritas do meu gesto desavisado que teria sido a causa de o pequeno ter sido mordido por um cão contagiado de hidrofobia! E com a queixa e desabaço já vinham ameaças de procedimentos extremos, já se falava em me chamar à responsabilidade perante os tribunais, ou coisa parecida. Era tal a minha dor de ca-

beça, que nem tive coragem para me levantar. Mas Deus nunca abandona os seus. O meu querido primo chegou naquela altura de fora, e com os seus modos delicados e a sua muita prudência temperada de doçura sanou o conflito, que não passou daquela pequena trovoadas.

Felizmente o cão não estava danado, e os filhos do Sr. Francisco Faria não tardaram a dar comigo outro passeio, este para a Penha.

A Penha é uma das coisas mais belas e mais interessantes do nosso Portugal. Não só o alto nos prende e atrai: as encostas de um outro e lado são um encanto de beleza e ternura.

Também desta vez ia conosco o João coreiro. Fomos a pé, roçando pela cerca do célebre convento da Costa. Recordo duas cenas deste passeio.

A certa altura, condoído do filho mais novo do Sr. Francisco Faria, o José, ofereci-me para o ajudar a trepar pelo

# GARAGEM SOARES

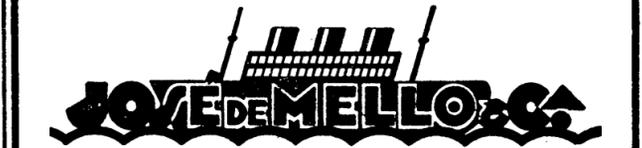
AVENIDA CONDE MARGARIDE - TELEFONE, 4458 GUIMARÃES

## Recolhas - Estação de Serviço Elevador Duplo

A única que vos garante um serviço perfeito. VISITAI-A E VEREIS

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1898  
ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 - PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)  
EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903  
Telefones: 21073 e 21074 - Mat. 647 - Est. 57

# Auto-Liz

Lavagens • Lubrificações • Gasolina • Oleos • Pneus Mecânica Geral • Pintura • Bate-Chapas, etc.

## RECOLHAS

Avenida D. João IV (ao Campo da Feira) Guimarães

## Sociedade Industrial de Raione, L.ª

Fábrica de Sedas RUA HONÓRIO DE LIMA, 410 - TELEFONE 8533/8933 PORTO

Comunica que tendo instalado uma nova máquina «Encoladeira», pode, a partir desta data, executar a encolagem de teias estreitas e largas. Executa ainda todos os serviços de preparação de tecelagem.

monte acima. E logo ele muito lampeiro:

— Não é preciso, tenho pernas de ferro.

No meio da subida aludi às dificuldades dela, e logo o João coreiro deu a razão:

— Para baixo todos os Santos ajudam; e para cima é um só, e é manco.

Já de há muito eu conhecia a 1.ª parte deste prólogo popular; a 2.ª parte, a referente ao Santo manco, precisei de ir a Guimarães, para aprender...

Deus seja convosco!

N. R. — O nosso colaborador dos artigos intitulados «Matar Saudades», narrou num dos últimos números um episódio passado com o falecido Cónego Dr. Aarão Pereira da Silva. A sua descrição, sem referir qualquer atenuante, que aliás a havia, e bem atendível, uma doença mental, pode levar ao convencimento que a pessoa visada era um vulgar e estouvado brigão. Para evitar um tal errado e imerecido juízo, transcrevemos trechos de dois jornais vimaranenses dessa época, e duma revista, meticolosamente cuidadosa nas suas apreciações, a quando do passamento do Dr. Aarão, bem esclarecedoras do seu valor moral e intelectual, e da sua cultura. Fazemo-

lo como preito de justiça, que julgamos devida e merecida.

«Cónego Aarão Pereira da Silva... Era formado em teologia, pela Universidade de Coimbra, sofrendo há já annos. Era um excelente caracter... os seus funerais na Collegiada, de que era um belo ornamento... Com o desaparecimento do saudoso extinto, perdeu a Collegiada, no curto espaço de um mez, tres conegos. illustres, estudiosos e distintos» (Sanches, Moreira e Aarão). De «O Comércio de Guimarães», n.º 3674.

«Dr. Aarão Pereira da Silva... Não o conhecemos pessoalmente, mas sabendo-o um espirito culto e uma intelligencia superior, mais o admiramos ainda...». De «A Razão» — n.º 15 do 1.º Ano.

«O Dr. Aarão Pereira da Silva, cónego da Colegiada de Guimarães, um novo de cujo talento e sólida piedade tanto era lícito esperar para glória da Igreja, finou-se ultimamente no Porto... Recordamos com simpatia o nobre gesto do falecido, quando na questão religiosa de 1901, sendo estudante da Universidade de Coimbra, se ergueu na aula para rebater asserções desfavoráveis a ordens religiosas, tomando a defesa calorosa delas e em particular dos jesuitas». De «O Apóstolo» (título do «Mensageiro do Coração de Jesus», durante alguns annos) — n.º 102.

Lida e propagal a «Noticias de Guimarães»